

A INSURREIÇÃO NA ÍNDIA

— O doutor, o que é que me diz da rebelião na Índia?

— A Você, não digo nada porque é jornalista.

— Pois eu teria muito prazer de informar os leitores do *A B C*, sobre os recentes acontecimentos na Índia.

— Não sei mais do que os telegramas que leio, e é ainda cedo para termos notícias detalhadas de lá.

— No entanto, gostava de ouvir a sua impressão sobre esta revolta e colher algumas notas acerca da Índia. Nós, aqui, não sabemos nada desse país.

— Não admira, nós ainda não conhecemos a Espanha! Triste fado o nosso, condenados a conhecer eternamente a França e de França só Paris. E Paris ao almoço, ao jantar, à ceia, e para os insaciáveis, Paris até ao deitar.

E, quando conversamos com madamas da sociedade, somos obrigados a fazer uma *tournee* à Suíça, que de resto, hoje, já se usa entre os novos ricos. A Índia é só conhecida através da lenda, como um país de Mistério e Sonho. Hoje, a Índia deixou de sonhar, porque acordou... e quando a Índia acorda, a Inglaterra treme.

— Interessa-me esse país que deve ter uma lenda de sonhos.

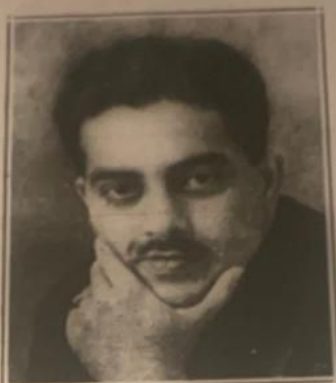
— Como se engana com a realidade! É ele grande de mais, para uma palestra de café, meu caro amigo. Em todo caso, diga no seu *A B C* que a independência do Indústão, não é a aspiração unicamente do Malabár, como fazem supor as notícias telegráficas vindas do sítio em agitação, mas esta rebelião exteriorisa, pelos elementos mais extremistas da grande península, a vontade e o pensamento nacionais.

A Índia, berço de formosas civilizações, é, e será sempre, a poderosa detentora das mais sublimes e harmoniosas filosofias, e da mais elevada e subtil metafísica. A Inglaterra, sabe que a península Indústânica é imensa em dinheiro e talento, e que hoje, mais forte em acção para continuar a sua obra civilisadora, dispensa a *amável e generosa* tutela.

Está reservado à Índia, daqui a alguns anos, um papel importante na diplomacia mundial, porque será Ela que, com o Japão, deve modificar e orientar a política do Continente Asiático.

A Guerra, já demonstrou o yalôr da diplomacia indiana pelos seus re-

presentantes em Londres, e ao talento dum dólce, a orgulhosa Inglaterra prestou homenagem, conferindo o título



Dr. K. K. Gulab, assistente da Faculdade de Medicina que, numa palestra de café, sintetizou claramente o momento na Índia

de «lord». O outro representante era um Maharajá.

Um milhão e quinhentos mil soldados combateram na Europa e na Ásia, e nunca se esqueça, meu amigo, que a tomada da Mesopotâmia deve-se às tropas indianas. E faço votos para que vocês, os hebreus, ricos e inteligentes, voltem sem *protecção* para as terras de Israel.

— Este movimento na Índia vingará?

— Duvido que vingue só com a orien-



Kopal K. Gokhale
membro do Conselho Legislativo

tação de Gandhi, e por causas de vária ordem; primeiro, porque, como sabe, está à téssta do movimento da emancipação indiana, o filosofo, a

bondade em pessoa, que deseja a independência do seu país, pela *boycottage*, e por outros meios suadórios. Os efeitos da *boycottage*, a melhor organizada, nunca poderão afectar exclusivamente o inglês, devendo ir de encontro com os interesses dos indianos também. E como em toda a parte do mundo, há sempre gente que antepõe os interesses pessoais, aos interesses da Pátria, os indianos atingidos pela *boycottage*, fariam causa comum com os ingleses. E aqui ficava desfeito o sonho do ilustre bacharel em Direito, o celebre Gandhi, que é antes um iluminado, do que um político, mais um profeta asiático, irmão de Mahommed ou de Cristo. É um moderno *Çakya Mouni* (Boudha) que com o seu neobudismo, quer prégar a democracia, para nivelar as castas e manter a unidade do pensamento indiano. Dotado duma eloquência assombrosa, Gandhi sendo de estatura pequena, — dizia um escritor inglês, — que se tornava um gigante quando falava, projectando fogo pelos seus olhos faiscantes como se fôsem dois grandes vulcões.

Se Gandhi, em vez da *boycottage*, pensasse mandar falar os canhões, como faria Tilak, então a Inglaterra teria que mobilizar a sua esquadra em partes iguais, metade para a Índia e a outra metade para a Irlanda, e não fim da contenda, não sei em que águas... ficaria, a esquadra inglesa.

— Quem é esse Tilak?

— Tilak, organização de revoltado, era um fogaço jornalista e eminente juriconsulto. Tinha jornais, como nós temos govêrnos, de quatro em quatro meses. Parece-me que viveu mais tempo nas prisões, do que ao ar livre. O seu verbo era tão violento, e a sua logica tão dominadora, que se proibia na Índia a ida de Tilak para Inglaterra e, quando os govêrnos de Londres consentiam na sua ida à Metrópole, era com a expressa condição de não discursar.

Este em nente político, pesadêlo da diplomacia inglesa, pertencia aos extremistas da Índia, e não sei se conhece que as opiniões na Índia, acerca da sua independência, criaram também, um grupo dos moderados.

— E onde está Tilak?

— Morreu há dois ou três anos, e é curiosa a cerimonia do seu enterroamento. O luto, pesava nas consciências e a Península levantava-se num dever para prestar religiosamente a

maior apoteose do ritual da moral indiana. Existe na Índia, a ambição dos maiores higienistas de todos os tempos, a cremação dos cadáveres. E as cinzas do grande revoltado, fechadas numa urna de prata, foram na presença de milhares e milhares de



Bal Gangadhar Tilak

publicista preso várias vezes por artigos sediciosos

peçoas, lançadas às águas do Rio Sagrado, porque só ali, naquele sarcófago, agitado e revoltado, poderia continuar a viver o temperamento de Tilak. E as ondas do rio Ganges, num preito de gratidão, beijam carinhosamente o corpo do patriota.

— E as castas?

— As castas são ainda um pequeno obstáculo.

A Inglaterra fomenta o ódio das castas e depois diz ao mundo que o indiano é o lobo de si mesmo. O mundo ingenuamente acreditou. Tão grande foi a propaganda inglesa contra os indianos e as suas doutrinas, que o mundo chegou quasi a convenir-se de que os *Védas* tinham sido

escritos pelos ingleses, e, não se admira nada, que um dia o mundo se convença, de que os ingleses escreveram os *Lusíadas*, lá pelo facto de ontem, termos estado em França, ás ordens do Comando Inglês.

A Inglaterra explora a divergência das castas, porque isso favorece a manutenção da sua preponderância no Oriente, não permitindo assim, a confraternização dos habitantes. Dizer mal das doutrinas hindús, é um crime contra a Bondade e o Agôr. Poderia citar vários preceitos das doutrinas hindús, mas isso demorar-me-ia; em todo caso, avalie a belesa simplesmente encantadora deste conceito, que pertence ao budismo, e que é o conselho de uma mãe aos seus filhos — «Sêde meus filhos, tão bons, tão bons, como a arvore do sândalo, que ainda perfuma o machado que a corta».

— Que sublime!

— Embora, todos quantos conhecem e desconhecem a Índia, digam que as castas são o maior pômo de discordia para a sua unificação, devo declarar-lhe que não sou deste aviso, tão pessimista.

Se é verdade que a diferença dos costumes e religiões entre as castas, dificultará o objectivo da independência, parece-me que esta influência será minima porque as classes mais preponderantes que são a *hindú* e a *mahometana*, com importante representação no Conselho Legislativo da Índia, vão-se confraternizando, dia a dia, e juntam as suas actividades por terem já descoberto o *trac* inglês. Queiram os hindús e os mahometanos, que os outros ficarão obrigados a aceitar a vontade dos grandes, à semelhança dos partidos pequenos na política duma nação.

Hoje, que a tendência dos povos é

pela sua emancipação, a unidade na Índia vai-se fazendo, a comunicação estabelece-se entre as classes, o ódio transforma-se em amor, a sociedade democratiza-se, e a Inglaterra tem o levantamento em massa do grande colosso.



Regimento de camelos de Hyderabad

— E os Rajás?

— Os Rajás, são muito boas pessoas. Um matemático numa expressão algébrica poderá representá-los x^2 e y^2 elevado ao quadrado. Estes, isto é, os rajás, são uma grande força de opposição.

— E que grandes senhores de pedrarias e de milhões!

— Isso não nos espanta, temos em Lisboa, pedrarias à volta da placa do Rocio, e para milhões, temos o Monteiro. Mas o que Eles têm de bom, — e isto aqui baixinho, — do bom a valer, são os harens.

— E já viu algum harem, doutor?

— Perdão, aqui começam os mistérios da Índia, e não lhe digo mais nada porque você é muito curioso...

AUGUSTO D'ESAGUY

RAINHA DA HUNGRIA

(ÁGUA CREME E PÓ DE ARROZ)
OS MELHORES PRODUCTOS PARA A BELEZA
E HIGIENE DA PELE

Faça em toda a parte os productos da

Academia Scientifica de Beleza

Directora: MADAME CAMPOS

Deposito geral para revenda:

Avenida da Liberdade, 23, A-LISBOA

TELEFONE 3641

Enviam-se catalogos e listas de preços a todas as pessoas que os requisitem, resposta mediante estampilha.

Reflicta bem sôbre o erro

que comete, não segurando imediatamente a sua vida, quando as suas condições de saúde e a sua idade lhe permitem fácil admissão e modicidade nos prémios uma das companhias que maior segurança oferece é a

“GARANTIA”

cujo honroso passado de quasi setenta anos muito a recomenda. A GARANTIA realiza seguros de vida em condições vantajosas, para o que dispõe de excelentes combinações. Peçam informações à séde, rua Ferrelira Eorges, 37, ou aos agentes em Lisboa, srs. José Henriques Totta & C.